

SEMIÓTICA DE CORPOS: DA GERAÇÃO DE INTOLERÂNCIA A ESTÉTICA

LEONARDO COELHO SIQUEIRA¹; ANDREIA BORDINI²

¹Universidade Federal de Pelotas – leonardosgra@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andreiabordinibrito@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na busca pelo entendimento da intolerância de gênero, vêm-se percebendo diversos estudos e análises. Este trabalho, por sua vez, é um recorte de uma pesquisa¹ mais abrangente, tendo propósito de entender as ligações entre o campo da estética com a geração de preconceito/intolerância de gênero. Busca-se responder aqui quais são as ligações entre os processos de exclusão sociais com a estética – no intuito do corpo e de sua representação.

Tendo em vista que a academia é um espaço de formação de opinião, de fomento à pesquisa e iniciação científica, é importante o debate de temas silenciados na sociedade, uma vez que é neste ambiente que os novos profissionais saíam e sua formação política e social vai definir sua postura no mercado de trabalho. O debate de gênero vem tomando forças em diversas esferas sociais, mas se precisa reforçar a importância desse debate como ciência, a partir de meios acadêmicos.

A consolidação deste se dá, também, por meio de um interesse e envolvimento do autor com as discussões de gênero e sexualidade, pois teve contato com movimentos sociais durante toda sua formação e entende a sua profissão como determinante para a formação de uma sociedade.

Dentre os aspectos acima, não se pode ignorar o quadro político atual do Brasil, que essa pesquisa vem de encontro, principalmente às grandes perdas de direitos que o país vivencia. Essa resistência que o estudo impõe é uma maneira de dar voz a sociedade silenciada e gozar dos privilégios que a academia provém, uma vez que o conhecimento propagado pelas instituições de ensino públicas deve um retorno a sociedade, que as mantém.

¹ Pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Design Gráfico. Intitulada *Estudo da significação do corpo da travesti: design gráfico como mecanismo conscientizador*.

Em termos de conceitualização este resumo se apresenta intercalando conceitos importantes entre a sociedade e a significação, buscando pontos de intersecção que ajudem a estabelecer e entender de que maneiras a sociedade gera intolerância – exclusão, por consequência – através do que lhes é mostrado – em termos de significação da matéria, do que pode ser visto.

2. METODOLOGIA

Em termos metodológicos, este estudo consiste basicamente em um tipo de pesquisa e uma técnica de pesquisa, respectivamente: a pesquisa qualitativa exploratória e a revisão bibliográfica. O tipo de pesquisa abordado é a qualitativa exploratória, pois esta pesquisa que a subjetividade dos dados investigados. Já a revisão bibliográfica é a técnica utilizada para embasamento teórico deste estudo, que possui caráter no âmbito de conceitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos na construção social de indivíduos sempre foram muito visados e rodeados pelos estudos da ética e da moral, pois uma sociedade é construída a partir de regras que deveriam garantir a coletividade e a civilização entre pessoas de um mesmo grupo. Contudo, para Theodor Adorno (*apud* BUTLER, 2015, p.15) o "*éthos* coletivo instrumentaliza a violência para manter sua aparência de coletividade", o que induz que a ética não é para todos e algumas personalidades estão excluídas nesse processo.

Nesse sentido, pode-se afirmar que os costumes de uma sociedade causam rupturas na moralidade e no pensamento da ética (*éthos*), que acabam não sendo mais coletivos. E, para Butler (2015), essa moralidade imposta não necessariamente é aceita pelo "eu" atingido e deve ser negociada de maneira vital e reflexiva. Para Nietzsche (*apud* BUTLER, 2015, p. 21) "só tomamos consciência de nós mesmos depois que certos danos são infligidos", ou seja, um "eu" na sociedade só oprime uma resposta à sociedade quando ele é fragilizado de alguma forma, o que responsabiliza essa sociedade por uma violência ética.

Dentro da sociedade, estamos sempre expostos a normativas éticas e morais, as quais estão diretamente ligadas a estética, para Santaella (2008) a ética – ou ciência de ação ou conduta – recebe seus primeiros princípios da

estética. Nesse sentido, pode-se afirmar que a estética interfere diretamente nas normativas sociais, logo, a produção de sentidos e a forma como identificamos outras pessoas também estão ligadas a estética (SANTAELLA, 2008).

A forma com que a sociedade reage às ações individuais está atrelada à forma como essas ações quebram os códigos sociais previamente estipulados, criando uma resistência e, por fim, um atrito (BUTLER, 2015). Logo, se a construção de gênero e as divergências sociais impostas por ela deve-se a um conjunto de normativas socioculturais (BUTLER, 2015) e esse conjunto de normativas são originados por influência da estética (SANTAELLA, 2008), a construção de gênero passa a ser diretamente influenciada pela estética.

A estética de um indivíduo é codificada e lida através do corpo e da roupa, conceitos bases para a identificação de um ser na sociedade (LANZ, 2015). Para Bártolo (2007) o corpo é uma experiência determinada por uma semiótica própria, que é imposta de fora para dentro, sendo reafirmada pela sociedade. Neste momento, o autor coloca o corpo como um produtor de sentido, um signo.

No entendimento do corpo como um signo, percebe-se este como um acontecimento semiótico (HENN & MACHADO, 2016). Isto é, as produções de sentido do corpo não estão mais atreladas somente a carne, como a sociedade espera, mas também a conceitos subjetivos (BÁRTOLO, 2007). Sendo um instrumento importante para a discussão de gênero, o corpo, porém, não pode mais ser lido como uma matéria única e exclusivamente visual. Ou seja, não é apenas palpável, ele produz sentidos para além disto, possibilitando gerações de sentido tanto externos quanto internos. Para Henn & Machado (2016), o corpo produz sentido para seu próprio eu, gerando um *self* – que é um produto social.

Nesse sentido, o *self* é uma produção de sentidos de um eu que não condiz necessariamente com o eu que a sociedade espera, tampouco com o eu representado pelo signo corpo. Contudo, mesmo o *self* sendo produto social, ele está relacionado às interpretações e significações de um eu em relação a si mesmo e ao seu corpo. Sendo assim, se torna um signo essencial para a análise identitária. Em outras palavras, o *self* – quanto gerador de sentidos – é o principal acontecimento semiótico para a geração de sentido do gênero de eu qualquer.

4. CONCLUSÕES

Em conclusão, esse estudo vem mostrando que o corpo e o *self* são produtores de sentido importantes para os processos indidentitários de gênero. A produção de significados na sociedade para com um eu está diretamente ligada a sua representação, e esta produz outros significados para o eu, gerando o *self*. Em paralelo a esta análise, pode-se afirmar também que, se a geração de significados de um eu está ligada a uma estética, a geração de sentidos para com um corpo pela sociedade também está. Sendo assim, a intolerância está ligada às produções de sentidos associadas tanto ao corpo como ao *self* de um eu.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÁRTOLO, José. **Corpo e sentido**: estudos intersemióticos. Covilhã: Livros LabCom, 2007. Disponível em < http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110824-bartolo_jose_corpo_e_sentido.pdf>. Acesso em 10 out. 2017.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.
- HEEN, Ronaldo; MACHADO, Felipe. O corpo como acontecimento semiótico: construções do *self*, perfomances e outras semiosis. **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, n. 37, p. 215-226, set/dez. 2016. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/viewFile/67397/39616>>. Acesso em 12 out. 2017.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidades de gênero**: conceitos e termos. Guia prático sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2ª ed. Brasília, 2012.
- LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**. Curitiba: Ed. Transgente, 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2000. 2d. Disponível em <<https://www.passeidireto.com/disciplina/psicologia-e-diversidade?type=6&materialid=6737976>>. Acessado em 08 out. 2017.
- SATAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica?**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008. Disponível em <<http://www.pet.eco.ufrj.br/images/PDF/semiotica.pdf>>.